

AINDA SOBRE OS LEILÕES DE GADO DE LEITE¹

Sebastião Teixeira Gomes²

Os comentários apresentados, a seguir, referem-se ao artigo publicado no Boletim do Leite, número 89, de agosto de 2001, de autoria do Sr. Roberto Jank Jr, intitulado "...Quem vai é o produtor...". Tal artigo comenta o artigo, de minha autoria, intitulado "O gado dos leilões não vai para o abatedouro", publicado no jornal Folha de São Paulo – Agrofolha, em 31 de julho último.

Meus comentários, de agora, são resumidos em quatro pontos.

Primeiro ponto:

Parte significativa dos comentários do Sr. Roberto diz respeito à minha afirmativa: "A produção continua crescendo, apesar de o preço recebido pelo produtor de leite ter caído, significativamente, nos últimos anos. A explicação para esta aparente contradição está na redução do custo de produção, que compensa a queda de preço e restabelece a margem bruta anual".

Reafirmo que o custo de produção de leite tem caído, nos últimos anos, em razão de três fatores: a) Redução do preço de importantes insumos utilizados no processo de produção de leite; b) Aumento da produtividade; e c) Aumento da quantidade de leite por produtor.

Acredito que a questão que causou maior estranheza ao Sr. Roberto diz respeito aos preços dos insumos, quando afirmo que caíram e ele, que subiram. Nossa diferença está no horizonte de análise. Minha análise refere-se aos últimos anos e a dele, aos últimos meses. Feito este esclarecimento, ambos estamos certos. Todavia, para o produtor de leite que tem elevado capital imobilizado e baixa liquidez, o que importa na definição do processo produtivo são as tendências de médio e longo prazos dos preços relativos, visto que os investimentos não permitem mudanças significativas no curto prazo.

O exame dos gráficos sobre os preços de sulfato de amônio e do milho (importante ingrediente da ração) mostra as grandes quedas que aconteceram na década de 90, ainda que, em alguns subperíodos, tais preços tenham aumentado. A taxa anual de crescimento do preço do sulfato de amônio no mercado de São Paulo, nos anos 90, foi de menos 4,38%. Do mesmo modo, o preço do milho caiu 6,98% ao ano, neste período.

Segundo ponto:

O crescimento do leite clandestino tem sido uma preocupação do Sr. Roberto, sendo, inclusive, destacado em seu artigo.

Quanto a esta questão, dois esclarecimentos: a) O crescimento do leite clandestino tem sido comparado com o do leite inspecionado, em termos percentuais. Tal procedimento pode confundir a conclusão, visto que as bases para os cálculos dos percentuais são diferentes. Melhor é a comparação desses crescimentos em litros de leite. Estimativas para o Brasil, feitas pelo **Pensa** e publicadas no Anualpec-2001 (página 218), indicam que em 1999, a produção total de leite foi 18.691 milhões de litros, assim distribuídos: Mercado de leite inspecionado, 11.073; autoconsumo na fazenda, 2.654 e mercado informal 4.964. Em 2000, a produção total de leite foi 19.174 milhões de litros, assim distribuídos: Mercado de leite inspecionado, 11.500; autoconsumo na fazenda, 2.723 e mercado informal, 4.951. O aumento do mercado inspecionado foi 427 milhões de litros e a redução do mercado informal 13 milhões; b) Em pesquisa realizada por professores da ESALQ, concluiu-se que os fatores que mais influenciam o preço recebido pelo produtor são o preço do leite longa vida e o preço do leite importado. Portanto, a influência do leite informal no mercado não é tão significativa como tem sido destacada. O comportamento do mercado do leite, nos últimos meses, confirma minha tese.

Terceiro ponto:

Quanto ao eventual sucesso de um modelo produtivo nacional, as estatísticas indicam maior crescimento da produção nas regiões que utilizam modelos ajustados ao comportamento do preço do leite. São modelos flexíveis, de menor custo no verão e maior no inverno, de acordo com o preço do leite, que também é menor no verão e maior no inverno. Aqui vale o registro que tais modelos reduziram, significativamente, a sazonalidade de produção, aumentaram a produtividade e o volume de leite por empresa rural. Sem considerar essas mudanças, não se têm argumentos suficientes para explicar o expressivo crescimento da produção nacional, mesmo num cenário de muitas dificuldades para o produtor. A flexibilidade do sistema de produção é uma imposição do mercado, já que não se pode virar as costas para ele, sob pena de sucumbir.

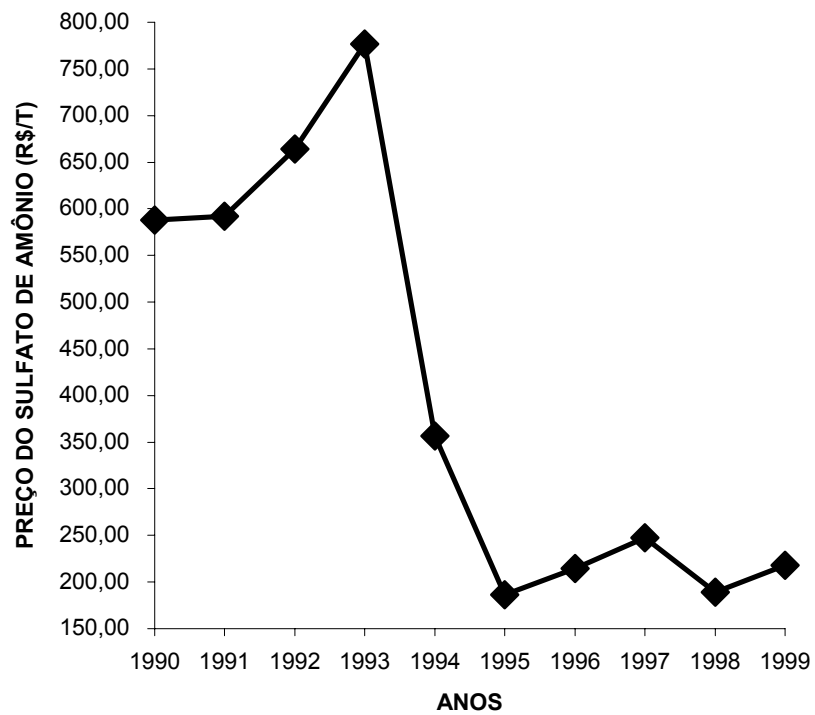
Quarto ponto:

A admiração que o Sr. Roberto confessa ter por mim é recíproca. Já lhe disse, pessoalmente, que o considero um dos mais competentes produtores de leite do país. Minha admiração não é de agora, vem desde os tempos em que trabalhamos juntos na elaboração da planilha de custo do leite B, para o Estado de São Paulo. Já naquela época discutíamos muito, na defesa de nossos respectivos pontos de vistas. Ainda que com argumentos diferentes, ambos defendíamos e continuamos defendendo o que julgamos ser melhor para o agronegócio do leite no Brasil.

¹ Trabalho escrito em 24-09-2001.

² Professor titular da Universidade Federal de Viçosa.

**PREÇO DO SULFATO DE AMÔNIO NO MERCADO DE SÃO PAULO
DADOS CORRIGIDOS PELO IGP-DI PARA 1999**



**PREÇO DO MILHO NO MERCADO DE SÃO PAULO
DADOS CORRIGIDOS PELO IGP-DI PARA 1999**

